

# A PRÁTICA DA LEITURA DE FRUIÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Elenice Peliser<sup>i</sup>

## RESUMO

A escola deveria ser por excelência o lugar de formação de leitores e produtores de textos, mas ao analisar o desempenho dos alunos nesses dois quesitos percebe-se o quanto ela está longe dessa realidade. A afirmação de que a escola não estimula a formação leitora já é uma constatação cada vez mais de domínio comum. As práticas de leitura que acontecem na escola, geralmente são convertidas em momentos de treino, avaliação ou para preencher as conhecidas fichas de leitura, isso torna essa atividade sem gosto, sem prazer e não contribui em nada para que os alunos gostem de ler. Nesse sentido é necessário repensar e ressignificar as práticas pedagógicas estimulando a leitura de fruição, ou seja, a leitura que é feita sem cobrança de resultados posteriores. Esse artigo objetiva analisar os dados obtidos através de uma entrevista feita aos alunos e a professora para averiguar como estão sendo desenvolvidas as práticas de leitura, e de que forma a leitura de fruição integra as aulas de Português do 9º. ano do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo de Palma Sola (NAES). Depois de analisados os dados e com base nos estudos de Antunes (2003), Fernandes (2015), Lajolo (1994,1998), Silva (2009), entre outros autores, este estudo se propõe apresentar reflexões sobre como as práticas de leitura são conduzidas no ambiente escolar e se a leitura de fruição faz parte dessas práticas.

**Palavras-chave:** EJA. Práticas de Leitura. Leitura de Fruição.

## Introdução

A leitura não é uma atividade neutra, lê-se para obter uma informação, seguir instruções, para realizar uma ação, obter ou aprofundar conhecimentos, desfrutar momentos de entretenimento, pelo prazer que ela nos provoca, etc. A prática de leitura escolar tem que levar em conta todos esses fatores. Na maioria das vezes, o exercício de leitura nas salas de aula é feito com o único intuito de dar nota, excluindo das suas atividades o prazer de ler.

Na qualidade de espaço privilegiado e conveniente para o exercício de uma política cultural voltada à valorização do ato de ler, a escola poderia desempenhar papel importante na formação de leitores, contudo não está cumprindo bem essa missão e à medida que continua reproduzindo um modelo de leitura iluminista, onde o predomínio da razão supera a magia, a emoção e o prazer de ler, distancia-se do propósito de formar verdadeiros leitores, capazes de transcender a mera decodificação de símbolos gráficos (SEIBERT, 2015).

Além disso, é recorrente a queixa entre os professores de que os alunos não gostam de ler e que não conseguem produzir bons textos. Segundo pesquisas que verificam a competência leitora é comum que os alunos entrem para o ensino médio lendo e escrevendo mal. Essa problemática também se constatou com os alunos do 9º. ano do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) de Palma Sola, que constituíram os sujeitos dessa pesquisa.

O estudo, a análise e as reflexões que estão sendo feitos nessa pesquisa sobre o tema “leitura de fruição”<sup>1</sup> tem uma contribuição social importante, pois entendemos que a leitura tem um grande potencial para ressignificar o processo formativo de jovens e adultos, contribuindo para que, por meio dela, essa formação seja plena e fortaleça a capacidade de resiliência, imprescindível para transformar adversidades em possibilidades. Entendemos também que é fundamental fazer os jovens e adultos perceberem que a leitura é uma prática importante que poderá ajudá-los em conquistas palpáveis.

A instituição escolar impõe ao aluno o momento e o que ele deve ler. É comum ver nas bibliotecas escolares os livros separados nas estantes com uma etiqueta referente a cada série a que são destinados; aluno de série diferente não pode nem mexer nos livros que não sejam da sua série. Desse modo esse processo coercitivo prejudica a qualidade da leitura, ou seja, essa forma de organização não viabiliza, especialmente nos alunos da EJA, motivação para leitura.

[...]. Sabemos que todo processo escolar é artificial e coercitivo [...] o aluno não escolhe o texto nem o momento de lê-lo; os objetivos da leitura não são estabelecidos por ele e muitas vezes são deturpados (ler para tirar nota, ler para não ser repreendido...). Ora, se a situação coercitiva prejudica a qualidade da leitura de textos didáticos, relacionados aos conteúdos dos diversos componentes curriculares, mais complicada e prejudicial se torna no caso dos textos literários, [...] (SARMENTO; TUFANO, 2010, p.7).

As considerações desse estudo apoiaram-se nas reflexões de Antunes (2003), Lajolo (1994,1988), Sarmiento e Tufano (2010) e Ramos (2014), entre outros autores. Primeiramente discutiu-se como estão ocorrendo às práticas de leitura nas salas de aulas. Na sequência, apresenta-se a análise dos resultados da pesquisa que foi feita em forma de entrevista aberta com os alunos do 9º ano do NAES de Palma Sola, turma essa formada por alunos com diferentes níveis de aprendizagem, de diversas classes sociais e com idades que variam entre 17 a 43 anos, com o objetivo de descobrir a relação desses sujeitos com a leitura e se a leitura de fruição integra as aulas de Português, para isso a professora de Língua Portuguesa dessa turma também foi entrevistada. Faremos ainda uma reflexão sobre a importância da mediação do professor e da biblioteca escolar no incentivo a formação leitora dos educandos. Para finalizar, foram feitas algumas considerações com o objetivo de repensar as práticas educativas para entender se novas práticas pedagógicas poderão influenciar na aprendizagem dos alunos.

---

<sup>1</sup> Leitura de Fruição significa usufruir, ter prazer com a leitura, desfrutar, ler pelo simples prazer de ler.

## **Contextualizando as práticas de leitura**

A leitura é uma prática social importantíssima para a realização pessoal ou profissional de qualquer indivíduo, pois através dela é possível adquirir e ampliar conhecimentos imprescindíveis nas diversas áreas do saber (ACAPED, 2010). Ela também aumenta a capacidade de pensar criticamente e de se expressar com relação aos acontecimentos mundiais e sobre si mesmo, contribuindo assim para a construção de uma nova forma de pensar e ver o mundo, e em consequência viver com mais plenitude a sua cidadania. Fatores esses importantíssimos principalmente quando tratamos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que geralmente agrega um público estereotipado como sujeitos pouco escolarizados, detentores de poucos conhecimentos, de baixa renda e com subempregos.

As práticas pedagógicas voltadas para esse segmento precisam ir além da visão reducionista dos estigmas e estereótipos que marcam esse público, precisam reconhecê-los como homens e mulheres que constroem e são construídos socialmente, com diferentes histórias de vida, participantes e participativos de distintos espaços sociais com os quais desenvolvem relações dialéticas e dialógicas (KERN e AGUIAR, 2014). É necessário perceber que a escola tem grande responsabilidade na formação desses sujeitos, incluindo em suas práticas atividades que auxiliem os alunos a desenvolverem conhecimentos que os permitam a modificar a sua realidade levando-os a uma libertação não só individual, mas principalmente coletiva social e política.

A leitura é uma das atividades que pode contribuir para a mudança dessa realidade. Atitudes como gostar de ler e interessar-se por leituras e livros podem ser construídas por algumas pessoas no espaço familiar, ou em alguma outra esfera de circulação da escrita. Mas é, sobretudo na escola, que esse gosto deve ser incentivado, por isso é importante que nas atividades escolares os alunos percebam a leitura como um ato prazeroso e não simplesmente como uma atividade mecânica, que serve apenas para responder determinados questionamentos.

Ao fazer do livro um instrumento de avaliação – prova, fichas de leitura e até índice de produtividade – as instituições tendem a inibir a leitura desinteressada, governada pelo prazer e pela imaginação. A escola, em suma, incentiva pouco o desenvolvimento de outras camadas de leitura que não a técnica (FERNANDES, 2012, p.148).

Mesmo sem perder de vista que muito empenho vem sendo demonstrado (e com alguns resultados evidentes e louváveis) no sentido de deixar a escola em condições de mais qualidade, é possível constatar no que se refere às atividades de ensino da leitura uma prática tradicional, em que prevalece uma metodologia estrutural (ANTUNES, 2003).

Como explica a autora, essas atividades se resumem a uma atividade de leitura, centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto, uma atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura.

A leitura de fruição, ou seja, a prática livre e prazerosa da leitura pode ser um caminho para transformar a escola num espaço favorável à aprendizagem significativa de jovens e adultos. “[...] reaprender a linguagem do prazer, reconhecê-la e desenvolvê-la na leitura é uma forma de resistência a uma concepção utilitária (e burguesa) de leitura” (LAJOLO, 1994, p.27).

Desde os primeiros passos na leitura escolar, o aluno é muito mais convidado a responder questões sobre o texto e não é estimulado a perguntar ou a se manifestar, opinar sobre as suas impressões de leitura. Essas práticas acompanham o aluno em toda a sua trajetória escolar regular e também fazem parte da modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Quando pensamos na EJA e nas práticas educativas que fazem parte dessa modalidade de ensino, principalmente as práticas de leitura, temos que levar em conta que a maioria desse público teve pouco contato com textos escritos, por terem pouco acesso a eles no seu dia a dia e também por estarem afastados da escola por longos períodos. Talvez por isso não tenham desenvolvido estratégias leitoras e saberes linguísticos que os permitam atribuir sentido ao que leem. Assim é necessário que a leitura para a EJA, público que pesquisamos, e não só para eles, seja significativa, o professor não pode se ater somente a leituras de textos didáticos, mas incluir em suas práticas textos que fazem parte do cotidiano do aluno como bilhetes, listas, imagens, relatos, gráficos, entre outros, além dos textos literários. Tudo com o objetivo de fazer esse aluno interagir socialmente (LINHARES, 2012).

Dar tempo para a leitura prazerosa de diferentes textos pode fazer uma grande diferença na formação desses sujeitos. Pois, ocupar o aluno com tarefas rotineiras é uma estratégia que inibe a liberdade de expressão do educando, que deveria estar sendo exposto a experiências múltiplas e diversificadas, por meio das quais pudesse se formar como um leitor sensível e crítico (FERNANDES, 2012).

Talvez fosse o momento de repensar as estratégias que a escola tem referendado como ideal. A atividade da leitura, por exemplo, quase sempre reduzida à análise das estruturas linguísticas, sem que seja de fato compreendido pelo estudante como essas estruturas, participam da construção de sentido do texto. O resultado dessa prática, ao contrário de seus objetivos, não tem assegurado à formação de leitores, nem, tampouco, o domínio da escrita pelo aluno.

No âmbito escolar, o professor juntamente com o bibliotecário e a biblioteca têm um papel imprescindível na formação de leitores plenos, mas para que isso realmente se efetive é necessário estabelecer uma ação integrada entre a biblioteca e a sala de aula, pois:

Ao professor e também ao bibliotecário caberá aproveitar todos os momentos para conduzir o aprendiz a praticar a leitura nos diversos aspectos, cuidando do despertar das capacidades básicas e dos sentidos reais e figurados, do apurar a sensibilidade e a imaginação, para “ler a vida” ao seu redor, para entender o social e o cultural; enfim não só ficar sentado na carteira escolar ouvindo o professor. (MACEDO, 2005, p.174).

Se a biblioteca escolar estiver bem estruturada, tanto física quanto pedagogicamente, com um profissional que seja um mediador de leitura, ela trará enormes benefícios para toda a comunidade escolar.

Também darão embasamento teórico à pesquisa autores como Arena (2009), Soares (1991,2008), entre outros que estudam sobre a importância da biblioteca e o papel do professor para a formação de leitores, documentos que trabalham com a temática da leitura de fruição e com a Educação de Jovens e Adultos e que nos fazem refletir sobre a importância da leitura para esses sujeitos.

## **A Leitura na escola**

O ato de ensinar a ler, é muito mais do que ensinar a decodificar letras e símbolos, implica estimular uma prática leitora permanente movida pelo desejo de saber, de aperfeiçoar-se, de fazer novas descobertas que favoreçam o autoconhecimento, ampliando a consciência crítica do indivíduo, fazendo com que ele consiga intervir no espaço em que se encontra. Aumenta também sua competência comunicativa e sua responsabilidade frente ao mundo em que vive, além disso, facilita o acesso aos bens culturais que permitem maior integração do indivíduo à sociedade a que pertence. A leitura significativa tem a capacidade de nos situar melhor no nosso próprio espaço, pois conseguimos ter percepções de aspectos relacionados à nossa vida e do mundo que nos rodeia, que às vezes não percebemos ao olhar para a realidade (SILVA et al.,2009).

Pensando mais especificamente na leitura no âmbito escolar, Soares (1991) afirma que a escola é a instituição responsável pela alfabetização dos indivíduos, “e é a esta que a sociedade delega a responsabilidade de prover as novas gerações das habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes considerados essenciais à formação de todo e qualquer cidadão” (SOARES, 1991, p.84). Dentre essas habilidades, valores e atitudes, destacam-se as relacionadas à formação de leitores e o acesso à diversidade de modos de ler.

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. (SOARES, 2008, p.33).

A atividade de leitura favorece, num primeiro plano a ampliação dos repertórios do leitor. Através dela o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo geral. Nesse sentido, é possível entender quando o escritor Ziraldo (2003, s/p) em entrevista, diz que: “Ler é mais importante que estudar”, pois, ao ler, o indivíduo é capaz de buscar todas as informações necessárias para aprender o que quer que se predisponha. Mas o “estudar” sem ler é uma prática bastante comum nas escolas, em que na maioria das vezes os textos somente são usados como pretexto para a análise sintática ou exercícios de ortografia, sem levar em conta que a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, da criação de sentidos, do ler pelo simples prazer de ler, para admirar as ideias, as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança nem preocupação de qualquer prestação de contas posterior, apenas sentindo.

É para este plano de leitura que se destinam os textos literários: contos, crônicas, poemas (esses, sobretudo). Reduzi-los a objetos de análise sintática, a pretexto para exercício de ortografia, por exemplo, é uma espécie de profanação, pois é esvaziá-los de sua função poética e ignorar a arte que se pretendeu com o arranjo diferente de seus elementos linguísticos. O gosto e o encantamento por esta função poética dos textos literários, como todos os outros gostos e encantamentos, precisam ser cultivados, estimulados, exercitados. Há uma imensa maioria de livros didáticos que parecem desconhecer esse princípio. Essa atividade além de “matar” toda a poesia do texto, porque nem a reconhece, favorece, no final a que o aluno exercite a “competência” de formar frases soltas, o que, como se sabe, vai na direção oposta da textualidade [...]. (ANTUNES, 2003. p. 72).

Para Lajolo (1988, p.52) “O texto não é pretexto para nada”, ou não deveria ser, mas na escola costuma virar pretexto para o ensino de outras aprendizagens que não ele mesmo, e nenhum texto foi escrito para ser objeto de estudo, de dissecação, de análise. O aluno nessas atividades não é convidado a se debruçar sobre o texto e descobrir de que forma os elementos textuais e não textuais foram arranjados para que fosse possível atribuir sentido aquilo que se está lendo. Na maioria das vezes é apenas feita uma leitura mecânica com o único objetivo de responder questões de interpretação ou de estudo da gramática, o que não contribui em nada para transformar os alunos em leitores apaixonados.

## **A biblioteca na escola**

A biblioteca escolar é o lugar que deve servir para a formação de leitores e integrar o processo educativo. E num país onde os livros são objetos relativamente caros ela tem uma importância fundamental na promoção da leitura.

Além de um espaço organizado, com um acervo diversificado é imprescindível que a biblioteca tenha um profissional que atue como um mediador diminuindo a distância entre livro, leitor, acesso e materialização do ato de ler.

Neste sentido, é preciso ressaltar as palavras de Arena (2009):

[...] quero enfatizar que não bastam espaços e livros guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca escolar; não são os objetos físicos que dão a ela a existência e a vida; nem é somente com eles que o diretor pode afirmar que há biblioteca na escola. O seu estatuto, como lugar dos livros ou de biblioteca, é conquistado pela existência das relações entre alunos, livros, professores de biblioteca e professores de sala de aula [...] (ARENA, 2009, p.162-163).

Muitas escolas brasileiras ainda não possuem biblioteca, e mesmo as que a possuem bem estruturadas quase sempre não as exploram como deveriam, usam-na apenas como depósito de livros, sem integrá-las ao projeto educativo. Outras tantas funcionam no improvisado, em que um ou outro professor leva os alunos para trocarem os livros, pois não há um profissional destinado a mediar à leitura e as informações presentes na biblioteca. Falta uma pessoa que seja capaz de servir de ponte entre a biblioteca, os alunos, os professores e os livros criando assim um espaço realmente integrado ao projeto educativo escolar.

Além da circulação das obras literárias do acervo, realizadas por meio dos empréstimos, deveriam ser desenvolvidas na biblioteca, atividades lúdicas como: contação e dramatização de histórias, jogos, brincadeiras e desenhos, valorizando ao máximo a leitura simples e espontânea, contrariando as ações realizadas na maioria dos espaços escolares, onde o livro é apresentado ao aluno como um recurso didático rotineiro, destituído de encantamento e, portanto, sem nenhum atrativo.

Desse modo, a escola nem sempre consegue que formar alunos leitores. E, segundo Lajolo (1994, p.72), “banaliza o ato de ler”. Usados sob imposição dos professores, os textos se tornam cansativos e mal vistos aos olhos dos alunos. Pois são poucas as práticas de leitura que levam o aluno a atribuir significação àquilo que lê, fazendo com que perceba que ler não é castigo, que pode ser prazeroso. Que, com um livro na mão, pode ir a qualquer lugar, e que com ele nunca estará sozinho. E se todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem trabalharem para que isso aconteça então à leitura passará a fazer parte da prática cotidiana do educando.

## O papel do professor

Aprender a ler não é uma atividade natural, para qual a criança ou o jovem e adulto analfabeto se capacita sozinho. Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é o professor, figura fundamental na história de cada um dos alunos. Cabe a ele o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de uma aproximação significativa com os textos e os livros, mas isso só vai acontecer se o próprio professor for apaixonado pela leitura e se tiver interesse por livros de tipos variados para compartilhar suas descobertas e aprendizagens, pois para que haja êxito na formação do leitor, é preciso efetivar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada e crítica.

Um das **condições necessárias** – talvez a mais importante! – para que o professor possa assumir, com competência, seu papel de mediador entre o aluno e o conhecimento que ele deverá construir sobre leitura/escrita é a de que **ele seja um leitor**. Se o próprio professor não lê, se não sabe o que significa deixar-se constantemente seduzir pela magia dos livros, [...] (ABAURRE, M, L; ABAURRE, M, B; PONTARA, 2010, p.34 grifo do autor).

A leitura é uma prática social fundamental para entender e interagir melhor com o mundo. Mas para que a leitura faça sentido na vida dos educandos para além dos muros e obrigações escolares é necessário que o leitor atribua significados ao texto, a partir dos seus conhecimentos prévios, relacionando os seus componentes com os entendimentos e sentimentos que possui. Nesse sentido, ler palavras é muito mais do que converter letras em sons, é atribuir significados às palavras para viver melhor no mundo. E nesse processo o papel de mediador do professor é imprescindível, é ele que indicará o caminho e será o facilitador da aprendizagem.

O professor precisa entender que, se o aluno não despertar primeiro para o prazer da leitura, nada conseguirá. Na maioria das vezes a preocupação com o conteúdo faz com que o professor não tenha tempo nem disposição para se dedicar ou se “deliciar” junto com seus alunos com leituras menos técnicas. Uma cena corriqueira do cotidiano escolar: os professores mandam os alunos guardarem todo o material e enquanto esperam dar o sinal resolvem ler nos últimos minutos que ainda têm para estar na sala de aula, pois consideram que seu dever, já foi cumprido. Com isso, talvez esperando que possam terminar o dia de uma forma mais descontraída, acabam demonstrando que a leitura não é importante, que podemos dedicar um tempo a ela quando as atividades “importantes” já tenham sido encerradas. Nesse contexto, uma prática de leitura, que não contemple uma aplicação, como é a leitura de fruição, é condenada por ser vista como desperdício de tempo (PRÓ-LETRAMENTO, 2007).



## Metodologia

Para a realização deste estudo, optamos pela pesquisa exploratória, a finalidade dessa pesquisa é “[...] aumentar a intimidade do pesquisador com o problema de pesquisa no intuito de torná-lo mais claro ou auxiliar na construção das hipóteses.” (RAMOS, 2014, p.25). Utilizaremos uma forma de abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa quantitativa é centrada na objetividade e “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números as opiniões e informações para classificá-las e analisá-las.” (RAMOS, 2014, p.25). Essa abordagem recorre a gráficos, tabelas e linguagem matemática para explicar o fenômeno que está sendo estudado, enquanto a pesquisa qualitativa “procura interpretar e atribuir significado aos fenômenos.” (RAMOS, 2014, p.25). Para a coleta de dados foi adotada a técnica da entrevista, na forma de questionário.

A investigação foi realizada no Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES). Essa escola pertence ao Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) de Dionísio Cerqueira e se localiza na Rua Vicente Mario Dal Ponte nº 935, no município de Palma Sola/SC. Possui 80 alunos matriculados, divididos em 4 turmas de Alfabetização, Nivelamento, Ensino Fundamental e Médio, e 6 professores. A escola tem como filosofia, “permitir a vivência do estudo, o uso da língua como liberdade de expressão, fazendo com que o sujeito perceba os avanços e os recursos dos seus direitos e deveres dentro da sociedade”. (PPP, CEJA, 2012).

Os 18 alunos do 9º. Ano, pertencentes à turma em que se realizou a investigação são oriundos, tanto da cidade quanto do interior do município, de distintas classes sociais, com idades que variam entre 17 e 42 anos e também são heterogêneos quanto aos níveis de aprendizagem; essa diversidade se verifica também nos outros anos de ensino. A professora de Língua Portuguesa dessa turma também foi entrevistada.

Optou-se pela entrevista em forma de questionário, que é uma ferramenta de coleta de dados em que as pessoas respondem a uma série de questões preestabelecidas e ordenadas. Eles podem apresentar perguntas abertas e fechadas, as perguntas abertas são aquelas em que o entrevistado tem liberdade para emitir sua opinião utilizando linguagem própria. As perguntas fechadas são aquelas em que o entrevistado escolhe uma resposta entre as alternativas apresentadas. (RAMOS, 2014). A entrevista não estruturada ou aberta é aquela que apresenta um número de questões que são respondidas informalmente. Para a coleta de dados, foram aplicados dois questionários com perguntas abertas e fechadas sobre a importância da leitura, um para a professora da turma e outro aos 18 alunos do 9º. ano, com o objetivo de descobrir de que forma a leitura está integrada no cotidiano desses alunos e

também com a intenção de analisar como as práticas de leitura são conduzidas no ambiente escolar e mais especificamente na turma citada.

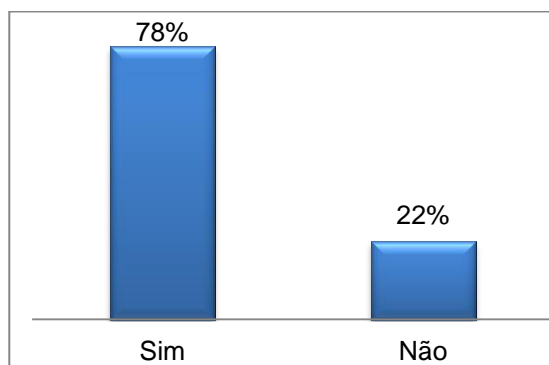
### **Análise dos resultados**

Foram aplicados inicialmente questionários aos 18 alunos para verificar a relação deles com a leitura. Verificou-se que a maioria dos alunos diz gostar de ler.

Sim: 14 = 78%

Não: 4 = 22%

GRÁFICO I



Fonte: Própria autora.

A professora também afirmou gostar de ler, e isso é um dado muito importante, pois somente os verdadeiros leitores entendem realmente como a atividade de leitura pode se traduzir em uma experiência transformadora. Essa grande porcentagem de alunos que gostam de ler reflete que apesar de muitos desses alunos não terem uma formação considerada como ideal, pois abandonaram a escola regular muito cedo e ficaram afastados dela por bastante tempo, ainda assim preservam o gosto pela leitura. Esse gosto nem sempre é incentivado nas práticas pedagógicas escolares.

Em relação à pergunta, “Qual a importância da leitura na sua vida?”, constataram-se as seguintes justificativas:

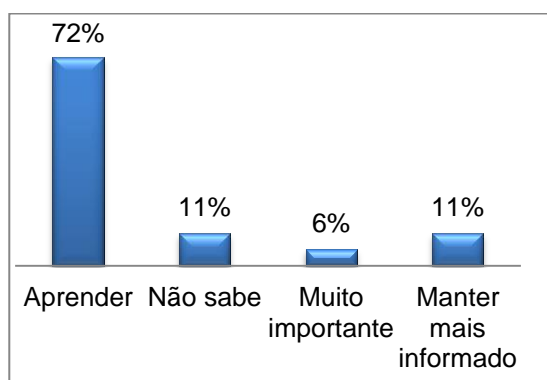
Aprender = 13 = 72%

Não sabe = 02 = 11%

Muito importante = 01 = 6%

Manter mais informado = 02 = 11%

GRÁFICO II



Fonte: Própria autora.

É importante verificar que a grande maioria dos alunos relaciona a importância da leitura à aquisição de conhecimento, ao resgate de informações. Um tipo de leitura que é imprescindível, mas que não deveria ser o único. Uma aluna disse: “*A leitura é muito importante porque me faz sentir outra pessoa*”. Aqui se percebe que alguns alunos conseguem conceber o livro como um instrumento que possibilita o pensar e o imaginar. “*A literatura [...] pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro*” (ABAURRE, M, L; ABAURRE, M, B; PONTARA, 2010, p. 16).

A professora também associou a leitura a uma forma de adquirir conhecimento e melhorar o vocabulário. Quando perguntada se ela dedica algum tempo de suas aulas para que os alunos simplesmente leiam, sem que seja cobrada alguma atividade posterior, respondeu que não, que sempre é cobrada alguma atividade das leituras que fazem. Atividades obrigatórias e avaliativas fazem parte naturalmente do cotidiano escolar sem que isso seja prejudicial aos alunos, porém ao pensarmos em práticas de leitura é preciso reconhecer que nem sempre é preciso dar uma nota para essas práticas, pois somente apreciar o sublime também é um processo de formação o indivíduo.

Parece haver um distanciamento entre o que a professora pensa ou acredita e a forma como conduz suas práticas pedagógicas. Ela disse que talvez os alunos não compreendam o que leem, porque o fazem por obrigação, e por falta de concentração na hora da leitura. “*Talvez alguns alunos leiam apenas por obrigação, não descobriram o prazer de ler, e então a leitura torna-se um peso e eles não se concentram pra ler*”.

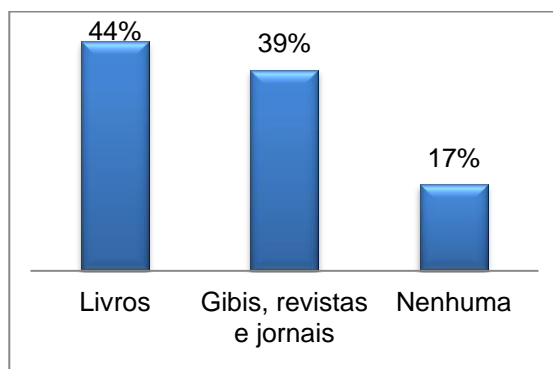
Em se tratando de tipos de leitura, os alunos responderam:

Livros = 08 = 44%

Gibis, revistas e jornais = 07 = 39%

Nenhuma = 03 = 17%

GRÁFICO III



Fonte: Própria autora.

Grande parte dos alunos prefere ler livros; dessa parcela a maioria mencionou os romances, e alguns mencionaram a bíblia. É curioso observar que, mesmo estando dentro da sala de aula, em contato direto com vários materiais escritos, alguns afirmaram que não fazem nenhum tipo de leitura porque eles não têm tempo.

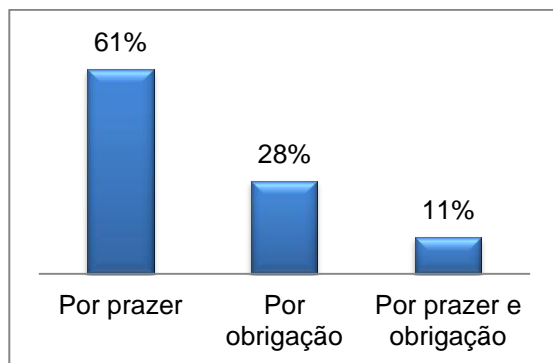
Outra questão foi sobre qual a sua motivação para ler, se os alunos liam por obrigação ou por prazer:

Por prazer = 11 = 61%

Por obrigação = 05 = 28%

Por prazer e obrigação = 02 = 11%

GRAFICO IV



Fonte: Própria autora.

Yunes (2003, p. 37) escreve que ler significa:

Uma descoberta, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Ler é, pois interrogar as palavras, duvidar delas; ampliá-las. Deste contato, desta troca nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida. O ato de ler é um ato de sensibilidade e da inteligência, da compreensão e da comunhão com o mundo: expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas de conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos e ampliamos a condição humana.

A grande maioria dos alunos afirma ler por prazer, porém se percebe a realização de poucas práticas que contemplem esse potencial, porque como disse a professora sempre tem

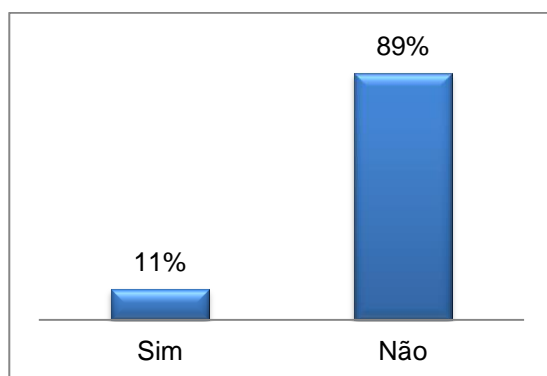
conteúdo para passar. Constatou-se que essa leitura prazerosa geralmente é feita em casa e pelos alunos mais velhos.

Também foi perguntado sobre a frequência à biblioteca, se costumavam frequentar a biblioteca para pegar livros sem que fosse mandado pelos professores, responderam:

Sim: 02 = 11%

Não: 16 = 89%

GRÁFICO V



Fonte: Própria autora.

Este foi um dado interessante constatado na pesquisa, pois mesmo dizendo que gostam de ler, somente dois alunos afirmaram frequentar a biblioteca sem que seja mandado pelos professores.

A professora, quando questionada sobre de que forma a biblioteca integra as suas práticas docentes, disse que, nas suas aulas, a biblioteca somente é utilizada para a troca de livros. Conclui-se que, mesmo a biblioteca sendo um lugar essencial para a formação de leitores, ela não integra as práticas relacionadas com a promoção e desenvolvimento de competências relacionadas à leitura, seu acervo praticamente não é utilizado.

Neste sentido, Silva (2009) esclarece que:

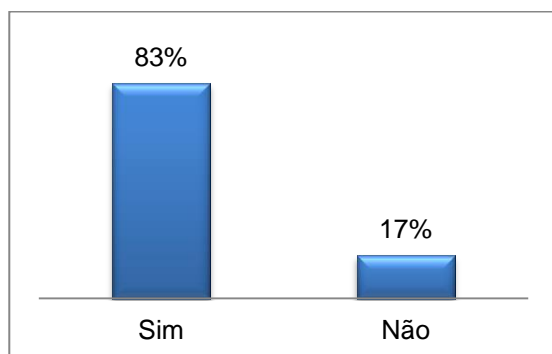
O acervo da biblioteca escolar, para melhor atender as necessidades dos alunos, poderá ser utilizado de duas formas básicas, orientado pelo professor e de forma espontânea. A primeira pelo professor, acontece integrando o acervo ao conteúdo que é desenvolvido pela escola. Por outro lado a escola precisa empenhar-se para estimular os alunos a busca espontânea de informações para sanar suas próprias dúvidas, por isso a biblioteca deve oportunizar que o aluno possa frequentá-la, independente da orientação do professor, obedecendo à sua vontade de saber, de investigar, de ler. (SILVA, 2009, p.129).

Outra pergunta: “Se a professora lhe desse um livro para ler, e não fizesse nenhuma cobrança sobre essa leitura, você leria o livro?”, as respostas foram:

Sim = 15 = 83%

Não = 03 = 17%

GRÁFICO VI



Fonte: Própria autora.

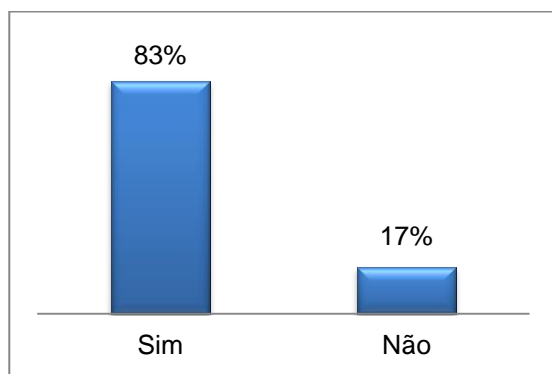
Verifica-se aqui que a maioria dos alunos iria ler o livro, pois a maioria dos entrevistados afirma ler por prazer, mas no cotidiano escolar o aluno precisa provar que leu, seja fazendo um resumo, preenchendo uma ficha de leitura, ou então a famosa apresentação do livro, de uma forma mecânica, em que são descontados pontos dos alunos, porque repetem determinadas palavras. Esquece-se que a leitura possibilita ricas situações de oralidade ao ser usada como uma prática em que professores e alunos trocam ideias, compartilham significados e sentidos sobre determinados textos, estimulando uns aos outros a lerem.

Quando perguntado se os professores dão tempo para os alunos lerem sem que depois seja cobrado um resumo ou outra atividade relacionada com essa leitura, responderam o seguinte:

Sim = 15 = 83%

Não = 03 = 17%

GRÁFICO VII



Fonte: Própria autora.

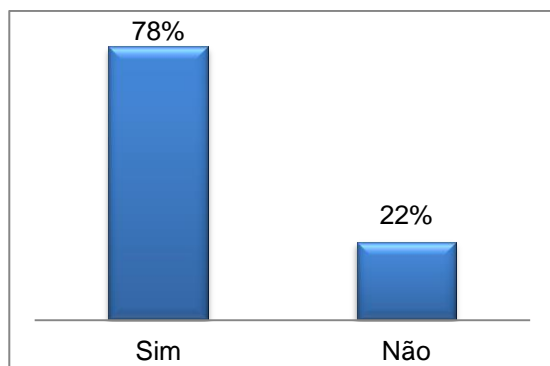
Apesar da maioria dos alunos terem respondido que existe um tempo para leitura livre, sem cobranças posteriores, todos frisaram que isso só acontece nas aulas de leitura que ocorrem na escola uma vez por semana.

Sobre se existe restrição para retirar livros na biblioteca grande parte deles respondeu que existe sim restrição.

Sim = 14 = 78%

Não = 04 = 22%

GRÁFICO VIII



Fonte: Própria autora.

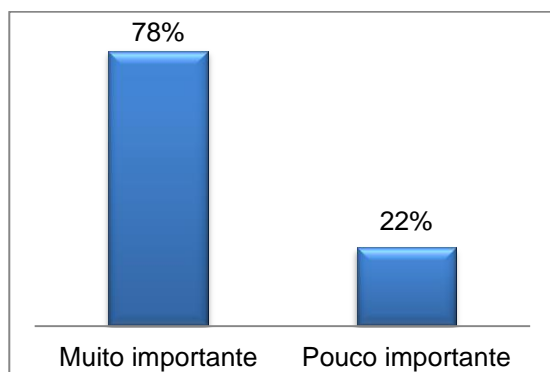
Nessa questão se verifica que as restrições apontadas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) diferem daquelas que se percebe no ensino regular, como por exemplo, os livros separados por série. Aqui por se tratar de uma escola pequena, as restrições dizem respeito à falta de espaço adequado para uma biblioteca e o acervo com poucos livros, o que restringe a escolha da leitura. Também não existe uma bibliotecária ou um profissional que auxilie na escolha ou na troca de livros e que promova atividades diversificadas que motivem para a leitura, como discussão sobre temas, autores e livros.

Quase todos os educandos entendem que a biblioteca é muito importante para melhorar os resultados escolares.

Muito importante = 14 = 78%

Pouco importante = 04 = 22%

GRAFICO IX



Fonte: Própria autora.

Mesmo sendo visto como um lugar importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos, nem todas as escolas possuem um espaço adequado para isso. Como já relacionado na questão anterior à biblioteca do NAES de Palma Sola, instituição onde foi feita a investigação, é pequena e com poucos livros. Os alunos dizem que a biblioteca tem uma

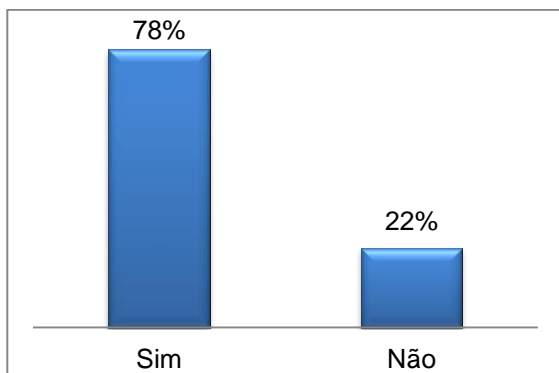
importância fundamental, pois quanto mais eles lerem, mais vão ter ideias e opiniões sobre as coisas e que ler ajuda-os na ortografia das palavras.

Perguntados se dedicam algum tempo para ler fora do ambiente escolar à maioria respondeu que sim.

Sim = 14 = 78%

Não = 04 = 22%

GRÁFICO X



Fonte: Própria autora.

Aqui se percebe que os alunos mais jovens foram os que responderam que não leem fora da escola por falta de tempo ou porque não gostam, os mesmos que responderam que não fazem nenhum tipo de leitura. Enquanto os alunos mais velhos que já têm família constituída e obviamente menor tempo livre são os que afirmaram ler, porque gostam de se informar e de se distrair com a leitura.

### **Relatos da entrevista com a professora**

A professora foi extremamente sucinta em suas respostas, não dedica muito tempo à leitura em suas aulas apenas no início e no fim delas. As atividades de leitura são organizadas da seguinte maneira: *“algumas vezes praticamos a leitura em voz alta de trechos que a professora escolhe, de textos que eles escolhem e de textos produzidos pelos próprios alunos”*. Sobre as oportunidades de leitura que a escola oferece ela falou que uma vez por semana eles têm uma aula de leitura.

Assim percebe-se que há tentativas para fazer os alunos lerem, mas as atividades são direcionadas, há pouco tempo livre para o aluno ler e precisa descobrir sozinho o prazer de ler *“Deixá-los descobrir do que eles gostam, porque gostam, e incentivá-los a procurar esses livros para ler”*. Perguntada de que forma a leitura de fruição integra as suas aulas a professora disse que: *“ela faz parte se eles acabarem o conteúdo”*. A professora considera que a leitura contribui para o desenvolvimento das competências de escrita e para os



resultados escolares dos alunos. *“Eles aprendem a escrever por ler as palavras e utilizam essas palavras de forma coerente ao produzirem. Os alunos leitores têm mais ideias, embasamento e argumentos ao escreverem textos”*. Mesmo tendo consciência da importância da leitura e dizendo que uma forma possível de fazer os alunos gostarem de ler é incentivar esse hábito, a professora dedica pouco tempo das suas aulas para essa atividade. Nas respostas coletadas constata-se que a professora percebe que a leitura é muito importante para a aprendizagem dos alunos, mas ao mesmo tempo ela afirma que “não sobra tempo para ler”, porque é preciso passar o conteúdo. Essa concepção de leitura é refletida no documento da SEED:

[...] Outro exemplo de burocratização da leitura na escola diz respeito não à administração do ato de ler, mas do tempo a ele dedicado. Nesses casos, simplesmente se define um horário diário e um cronograma mensal, geralmente organizado de modo a distribuir-se nas cinco aulas do dia, nos cinco dias da semana e, dessa forma, não “atrapalhar” o conteúdo das disciplinas. [...] (SEED/DEB, 2012. p. 7).

Os materiais de leitura usados nas salas de aula constituem apenas um espaço de passagem por onde o aluno atravessa a linguagem, à procura de informações ou de respostas às perguntas sobre determinado texto, que pretende ser um exercício de interpretação. Mesmo quando o trabalho com a linguagem se realiza com base num texto de literatura, por exemplo, o que se observa, na prática, é ainda uma orientação que evidencia o compromisso do leitor com o estudo a ser realizado e não com a experiência fruidora desse mesmo texto.

### **Considerações finais**

Este estudo buscou analisar como estão sendo desenvolvidas as práticas de leitura nas salas de aula da EJA, pois se entende que a formação do aluno leitor além de ser essencial para melhorar a aprendizagem, é uma prática social fundamental para compreender melhor o mundo em que se está inserido. A educação brasileira tem diante de si o desafio de possibilitar o acesso e a permanência do aluno na escola e falando mais especificamente da educação de jovens e adultos percebemos que essa problemática existe de forma acentuada. Observa-se que nos últimos anos há um decréscimo de alunos que entram para a EJA, e dos que entram um número significativo abandona o curso antes da sua conclusão. Outro dado preocupante é a baixa frequência.

Diante desse desafio e da aceleração das transformações no mundo é necessário garantir aos alunos da EJA uma participação social plena, a leitura nesse sentido constitui um fator de desenvolvimento pessoal e uma das condições para a participação dos sujeitos na construção social.

Ao analisar os resultados dos alunos nos exames nacionais e internacionais de avaliação, se percebe que a escola, ao tentar inserir o aluno no mundo da leitura, tem apresentado atividades que não conseguem alcançar o objetivo esperado. Faz-se necessário então uma mudança na prática pedagógica em relação ao processo de leitura no contexto escolar, que não pode continuar sendo aquela feita quase sempre como algo obrigatório, com propósitos avaliativos, ou de uma forma mecânica sem gosto nem prazer o que contribui pouco para a formação de leitores.

Nesse sentido, este estudo analisou também a importância do professor e da biblioteca. Avalia-se que são imprescindíveis para a formação de leitores plenos. Mas para que isso realmente se efetive, a biblioteca tem que estar integrada ao projeto educativo escolar, com ações diferenciadas que estimulem os alunos a usarem o seu acervo. Quanto ao professor, é uma figura essencial, no processo de formação de leitores, pois cabe a ele desenvolver o gosto pela leitura nos seus alunos, mas para que isso aconteça, ele mesmo precisa ser um apaixonado por livros, e servir como mediador entre o aluno e os livros, valorizando o processo de leitura de fruição, pois ele pode ser responsável pela aquisição de diversas habilidades e competências.

Ao analisar os resultados da pesquisa realizada, percebe-se que a professora dedica pouco tempo de leitura em suas aulas e sempre com propósitos avaliativos. O acervo da biblioteca é pequeno, não se promove atividades diferenciadas que motivem para a leitura e também não possui um profissional habilitado que seja um mediador desse processo.

Ao terminar este estudo, evidencia-se a necessidade de rever as práticas pedagógicas relacionadas ao desenvolvimento da leitura. A leitura de fruição não pode continuar sendo vista como “perda de tempo”. O professor precisa valorizar esses momentos como qualquer outra atividade, mas sem cobranças posteriores. Faz-se necessário um trabalho diferenciado para que se possa romper com a relação apenas utilitária da leitura. Pois se entende que um dos maiores legados que um professor pode deixar para os seus alunos é o gosto e o prazer de ler, pois isso fará diferença no seu processo formativo. E também oferecerá um apoio notável para provocar o autoquestionamento e suscitar o desejo da busca pelo desenvolvimento do sujeito-leitor.

## **Referências**

ABAURRE, M. L. M; ABAURRE, M. B. M; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido.** São Paulo: Moderna, 2010.

ACAPED, Agência de Capacitação Educacional, Apostila do curso **A Prática da Leitura no Contexto Escolar**. [S.l.: s.n.], 2010.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial 2003.

ARENA, D. B. **Leitura no espaço da biblioteca escolar**. In: SOUZA, Renata J. de. (Org). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

CEJA/Dionísio Cerqueira. **Projeto Político Pedagógico**. 2012.

FERNANDES, J. C. **O Leitor e a Cidade: Caminhos e descaminhos da leitura e da literatura entre pessoas com baixa exposição à escola**. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/29041/R%20-%20T%20-%20JOSE%20CARLOS%20FERNANDES.pdf?sequence=1> Acesso em 5 de jan. 2015.

KEM, Caroline; AGUIAR, Paula A. de. **Sujeitos da Diversidade**. Florianópolis: IFSC, 2014. 83 p.

LAJOLO, Marisa. *No mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo, SP: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto**. In. ZILBERMAM, R. (Org) Porto Alegre - RS: Mercado Aberto, 1988.

LINHARES, Allan de A. **Concepções e práticas de leitura na EJA: uma experiência com professores de 4º ciclo**. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

MACEDO, N. D. de (Org). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC; Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª. região, 2005.

PARANÁ, SEED/DEB. **Leitura, livros e leitores: considerações sobre a leitura em geral e no universo escolar**. (Texto para discussão). Arias, V. et. Al. Curitiba, mar. 2012.

PRÓ-LETRAMENTO: **Alfabetização e Linguagem**. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, 2007.

RAMOS, Magda C. L. **Seminário de Pesquisa e Intervenção II**. Florianópolis: IFSC, 2014.

SARMENTO, L. Leila; TUFANO, Douglas. **Português – Literatura – Gramática – Produção de texto**. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

SEIBERT, Maria G. S. S. **Leitura espontânea e prazerosa**: Uma conquista. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/educacao/leitura-espontanea-prazerosa-uma-conquista.htm>>. Acesso em: 18 de mar de 2015.

SILVA, Cicero de O. ; et al. Coleção Tempo de Aprender : EJA 7º ano. v. 2. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

SILVA, R. J. da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata J. de. (Org). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

SOARES, Magda. **Ler, verbo transitivo**. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (org.). *Leituras literárias*: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOARES, Magda. **As condições sociais da leitura**: uma reflexão em contraponto. In ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel T. (Org.). *Leitura-perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

---

**<sup>i</sup>Dados do autor**

**Nome:** Elenice Peliser

**Instituição:** Instituto Federal Santa Catarina

**Formação:** Acadêmica de Pós-graduação em PROEJA

**Contato:** elenicepeliser@hotmail.com